

**ARTIGO***M. I. Rostovtzeff e uma Arqueologia Nacionalista do Sul da Rússia – ou dos usos ideológicos da Narrativa de Heródoto\**

Fábio Adriano Hering\*\*

Doutorando em História- UNICAMP

**I.** A busca do passado histórico, segundo Díaz-Andreu, deve ser compreendida em sua presumida relação direta com o esforço de formalização, empreendido em finais do século XIX e inícios do XX, da moderna idéia de nação. Neste contexto, tanto a Arqueologia quanto a História teriam se empenhado na delimitação de versões do passado adequadas à promoção de determinadas identidades nacionais.<sup>1</sup> O modo como os pressupostos e os procedimentos específicos destas duas disciplinas em particular organizaram-se em favor desta mesma finalidade é o que pode ser observado, em uma certa medida, na obra *Iranians & Greeks in South Russia*, de M. I. Rostovtzeff.<sup>2</sup> Interessa, principalmente, investigar, na obra deste especialista, a confrontação levada a termo entre o texto do Livro IV de Heródoto e os registros materiais dos sítios do Sul da Rússia – exemplar acerca tanto das práticas de investigação do passado próprias do período quanto das utilizações ideológicas da narrativa de Heródoto.

**II.** Michael Ivanovich Rostovtzeff nasceu em 1870, na cidade de Kiev, na Ucrânia. De 1898 a 1918 foi professor de língua latina e de História Romana da Universidade de São Petersburgo, na Rússia.

---

\*\* Aluno do Mestrado em História do IFCH/UNICAMP, sob orientação do Prof. Dr. Pedro Paulo A. Funari.

<sup>1</sup> Díaz-Andreu, 1999: 162 e 163.

<sup>2</sup> Rostovtzeff, 1922.

Após a revolução de 1917, refugiou-se nos Estados Unidos da América, onde dedicou-se tanto à História Antiga quanto à Arqueologia. Suas obras mais conhecidas, *Social and Economic History of the Roman Empire*, de 1926, e *Social and Economic History of the Hellenistic World*, de 1941, são já desse período e foram originalmente vertidas em língua inglesa. *Iranians & Greeks in South Russia*, escrito na França e na Inglaterra, durante o período de exílio do autor, e publicado, também na América, em 1922, é um dos primeiros trabalhos que Rostovtzeff desenvolveu após ter deixado a recém fundada União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.<sup>3</sup> Uma série de artigos sobre este mesmo tema, publicados quando o autor ainda estava na Rússia, dão notícia das pesquisas levadas a termo por ele sob a chancela oficial e ideológica da Comissão Arqueológica Imperial.<sup>4</sup> Nestes, o objetivo é apresentar e discutir os registros materiais e o contexto arqueológico e histórico do Sul da Rússia. As civilizações clássicas e as relações que estas mantiveram com os outros povos, nos diferentes períodos, é, *grasso modo*, o ponto de foco de seus estudos.

A Arqueologia Russa, do período czarista, desenvolveu-se, principalmente no que tange à produção dos séculos XIX e inícios do XX, como uma atividade patrocinada e controlada pela Coroa Imperial.<sup>5</sup> A Comissão Arqueológica, responsável tanto pela concessão de licenças para escavação em terras públicas quanto pela salvaguarda dos achados arqueológicos, foi fundada, em 1859, em resposta ao rápido desenvolvimento da Arqueologia naquele século: da mera escavação em busca de obras de arte e objetos de valor a um crescente número de pesquisas, publicações, museus, associações e congressos arqueológicos.<sup>6</sup> As escavações tanto dos sítios gregos, das costas setentrionais do Mar Negro, quanto dos túmulos citas, das regiões das estepes do Sul da Rússia, representavam, neste contexto, parte significativa das atividades arqueológicas oficiais. Em um certo sentido, os estudos clássicos, antes de a Revolução de Outubro de 1917 pôr abaixo as estruturas materiais e ideológicas oriundas do

---

<sup>3</sup> Bertelli *et alli*, 1965: 1031.

<sup>4</sup> Como se pode depreender das referências bibliográfica constantes em Rostovtzeff, 1922: 223-238.

<sup>5</sup> Dolukhanov, 1995: 327.

<sup>6</sup> Trigger, 1994: 208-210.

governo imperial, servia à crença de que os russos em geral – os pretensos líderes espirituais do mundo cristão-ortodoxo – eram os supostos herdeiros orientais do Império Romano.<sup>7</sup>

Funari lembra que a criação e a valorização de uma identidade nacional, constituída por meio da preservação de uma certa memória e a partir de uma determinada visão de mundo, relaciona-se, não poucas vezes, com a investigação sistemática do passado.<sup>8</sup> De acordo com este estudioso, os artefatos e seus respectivos contextos arqueológicos, referentes a uma cultura extinta, ao serem reintroduzidos pelo arqueólogo em uma sociedade viva, passariam a possuir novas funções e a exercer mediações no interior das relações sociais em que foram inseridos.<sup>9</sup> Os discursos acerca do passado, então, construídos seja a partir de documentos escritos ou de registros materiais, deveriam ser compreendidos em sua natureza instrumental, assumindo-se seu “caráter historicamente condicionado”.<sup>10</sup> A construção e a legitimação de determinadas identidades culturais coletivas, em um nível tanto teórico quanto prático, seria, assim, um dos principais papéis tanto da Arqueologia<sup>11</sup> quanto da História. A partir dessa perspectiva, quando Rostovtzeff diz ter como objetivo “dar forma a *uma História das terras do Sul da Rússia*, desde os tempos pré-históricos até a época das migrações”, buscando enfatizar “as contribuições que aquela região trouxe para a civilização humana de uma maneira geral”,<sup>12</sup> deve-se ter em conta que não apenas questões de ordem prática e metodológica mas também, se não principalmente, político-ideológica motivaram de forma particular seu trabalho.<sup>13</sup>

**III.** Pode-se dizer que Rostovtzeff busca afirmar, em sua obra, entre outras coisas, que o Sul da Rússia, principalmente as regiões próximas dos grandes rios que correm para o Mar Negro, haveria se caracterizado pela existência de uma cultura singular, da qual a

---

<sup>7</sup> Dolukhanov, 1995: 327-328.

<sup>8</sup> Funari, 1988: 69-72.

<sup>9</sup> Funari, 1988: 24 e 25.

<sup>10</sup> White, 1994: 41.

<sup>11</sup> Jones, 1997: 1.

<sup>12</sup> Rostovtzeff, 1922: VII.

<sup>13</sup> Funari, 1988: 76.

Europa teria sido tributária.<sup>14</sup> De maneira distinta da maioria dos estudiosos, helenistas como Ellis H. Minns<sup>15</sup> e E. von Stern<sup>16</sup>, que apenas atribuem, por virtude da influência grega que teriam sofrido, um valor relativo às populações nativas, Rostovtzeff assinala, por sua parte, o caráter preponderantemente Oriental das culturas que lá se desenvolveram. Tal não significaria, de acordo com ele, negar “a importância das influências gregas”, mas não desconsiderar que o “Sul da Rússia sempre foi, e permaneceu sendo mesmo durante todo o período grego, uma terra Oriental”. O que poderia ser compreendido como uma “tentativa de helenizar as estepes do Sul da Rússia”, resultado da colonização helênica do Mar Negro a partir do século VIII a.C., não teria sido, para Rostovtzeff, tão bem sucedida quanto “a tentativa de orientalizar o mundo semi grego” estabelecido naquela região.<sup>17</sup> Os povos nômades de origem oriental, que invadiram as planícies da Eurásia por volta do século VIII a.C., dominando as populações autóctones, é que teriam imposto uma marca cultural distintiva ao largo corredor das estepes.

Os citas, devido talvez à maior quantidade disponível de documentação escrita e material, são, na opinião de Rostovtzeff, os protagonistas do que seria o longo e profícuo intercuro cultural entre a Grécia e o Oriente. Senhores das estepes, no período entre os séculos VI e III a.C., eles teriam consolidado uma espécie de “Estado de base feudal”, governado por uma “elite” de tipo militar, herdeira direta dos conquistadores nômades e comandada por um rei ou chefe militar.<sup>18</sup> Estabelecidos sobre os vestígios tanto da civilização cimeriana quanto das culturas neolíticas locais,<sup>19</sup> das quais teriam incorporado vários elementos, ter-se-iam transformado, pouco a pouco, em sedentários.<sup>20</sup> Assim, o que fora originalmente uma cultura nômade seria então, no período analisado, um Estado híbrido,

---

<sup>14</sup> Rostovtzeff, 1922: 7.

<sup>15</sup> A obra citada pelo autor é: MINNS, E. L. *Scythians and Greeks*, Cambridge: Cambridge University Press, 1913.

<sup>16</sup> A obra citada pelo autor é: STERN, E. von, “Die Griechische Colonisation am Nordgestade des Schwarzen Meeres im Lichte Archäologischer Forschung”, *Klio* IX, s/d., 139ff.

<sup>17</sup> Rostovtzeff, 1922: VIII e IX.

<sup>18</sup> Rostovtzeff, 1922: 41 e 43.

<sup>19</sup> Rostovtzeff, 1922: 15.

<sup>20</sup> Bosch-Gimpera, 1989: 215.

possuidor de uma extensa rede hierárquica, que cuidaria da exação de tributos sobre as áreas de base agrícola e que manteria estreitas relações comerciais com as colônias gregas do Mar Negro. De acordo com Rostovtzeff, as escavações levadas a termo em Panticapeum, Phanagoria e Hermossa teriam demonstrado que, por força desta intensa troca comercial, teria tido lugar não apenas o florescimento, a partir do século VI a.C., do Estado Cita no Sul da Rússia, mas, também, o das colônias gregas do Mar Negro.<sup>21</sup> Tyras e Olbia, por exemplo, colônias milésias que se instalaram na foz dos rios Dniester, Bug e Dnieper, desfrutaram de uma pacífica prosperidade, dedicando-se à pesca e servindo-se das grandes rotas comerciais que traziam do coração da Cítia: escravos, peles, âmbar, trigo, entre outros produtos e matérias-primas. Vendo com bons olhos a criação de novos portos para desembarcar seus produtos e apreciando o tributo que as colônias gregas lhes pagavam, assim como os artigos que estas lhes forneciam (vasos cerâmicos, jóias, armas, vinho, azeite, etc.), os citas também não obstaram, argumenta Rostovtzeff, a fundação de uma série de outras colônias na região do Bósforo Cimeriano, entre o Mar Negro e o Mar de Azov.<sup>22</sup> Tais colônias, de uma maneira geral, teriam levado a termo não apenas trocas comerciais mas também intercâmbios culturais com os bárbaros, perceptíveis na forma de um dualismo, identificável tanto nos costumes religiosos quanto na cultura material de citas<sup>23</sup> e, principalmente, de gregos.<sup>24</sup>

O fato de os citas terem mantido, por cerca de quatro séculos, um inter-relacionamento de quase mútua colaboração com os gregos se deve, para Rostovtzeff, entre outras coisas, ao caráter particular de sua herança cultural e étnica. Sendo iranianos, argumenta ele, “sempre temeram o mar e nunca foram e nunca quiseram se tornar navegadores” e apenas por motivos de ordem comercial e econômica é que “ansiaram por estar em contato com ele.”<sup>25</sup> Segundo o autor, as evidências constantes do Livro IV de Heródoto, no que se refere à religião cita, confirmadas pela

---

<sup>21</sup> Rostovtzeff, 1922: 43 e 44.

<sup>22</sup> Rostovtzeff, 1922: 63-65.

<sup>23</sup> Rostovtzeff, 1922: 52 e 65.

<sup>24</sup> Rostovtzeff, 1922: 72 e 73.

<sup>25</sup> Rostovtzeff, 1922: 44.

Arqueologia”, “as evidências lingüísticas, fundadas nas poucas palavras citas transmitidas a nós pelos gregos” e as evidências materiais de sua arte, no que ela teria de similar com a dos persas, não deixariam dúvidas de que as tribos citas do Sul da Rússia seriam um povo de extração iraniana.<sup>26</sup> Ao desembaraçar, dessa maneira, o que seria o “problema da nacionalidade dos povos citas”, Rostovtzeff está adicionando elementos para o argumento central de seu livro, a saber: que na “civilização que os sármatas, os godos e os hunos levaram consigo para a Europa Ocidental (...), os elementos gregos, ocidentais e nórdicos”, diferentemente daqueles de origem iraniana, seriam “de importância não mais que secundária”.<sup>27</sup> Tal proposição, como se verá, tem fortes motivações nacionalistas e, propõe-se, pelos argumentos que o autor relaciona em seu favor, paga tributo aos paradigmas arqueológicos europeus do período em questão.

**IV.** Desde 1816, segundo Bosch-Gimpera, quando Bopp<sup>28</sup> reconheceu o parentesco das distintas línguas indoeuropéias, tanto da Ásia quanto da Europa, que se tem buscado associar determinados povos pré e proto-históricos, supostos antepassados ilustres e matrizes fundadoras dos grandes grupos étnicos europeus, com os Modernos Estados Nacionais.<sup>29</sup> Tais práticas de investigação tiveram ocasião em inícios do século XIX quando, no curso do desenvolvimento do nacionalismo e do romantismo, de acordo com Kluckhohn, tendeu-se a se considerar que cada língua seria a manifestação tangível da originalidade e da particularidade de cada cultura e de cada grupo étnico específicos.<sup>30</sup> A Filologia histórica, neste contexto, como lembra Funari, desenvolveu os modelos de tronco e de famílias lingüísticas, favorecendo a idéia de que a suposta língua original indoeuropéia teria uma essência que permaneceria inalterável mesmo sob a influência de contatos históricos. A Arqueologia do período desenvolveu-se, para esse

---

<sup>26</sup> Rostovtzeff, 1922: 59 e 60.

<sup>27</sup> Rostovtzeff, 1922: IX.

<sup>28</sup> A obra citada pelo autor é: BOPP, F. *Über das Conjugationssystem der Sanskrit Sprache im Vergleich mit jenem der griechischen, lateinischen, persischen und germanischen Sprachen*. Frankfurt a. M., 1816.

<sup>29</sup> Bosch-Gimpera, 1989: 9.

<sup>30</sup> Kluckhohn, 1951: 170.

especialista, sobre essas bases, buscando traçar a evolução dos diferentes grupos étnicos – associados a um paradigma lingüístico identificável historicamente – por intermédio da seleção e da análise sistemática da sua respectiva cultura material.<sup>31</sup> O modelo de explicação difusionista, que atribuía ao registro arqueológico as mesmas expectativas que o evolucionismo biológico depositava na espécie humana, e que pensava que fatores históricos influenciariam na evolução da cultura material, foi, de acordo com Trigger, de fundamental importância para a evolução da investigação arqueológica de então.<sup>32</sup> Os arqueólogos escandinavos e centro-europeus buscavam, nesse contexto, delinear uma analogia explícita entre os inúmeros achados arqueológicos de características distintas, circunscritos a um território geograficamente bem delimitado, e os seus supostos grupos étnicos correspondentes. Tal preocupação, ainda segundo Trigger, é o que teria motivado a Arqueologia dos séculos XIX e XX a desenvolver o conceito de cultura,<sup>33</sup> que, significando, no vocabulário dos especialistas, tanto os objetos materiais quanto a totalidade dos costumes, conhecimentos, crenças e outras capacidades adquiridas e transmitidas de geração para geração, era tomada como praticamente um sinônimo para a idéia de civilização.<sup>34</sup>

Uma série de preocupações de ordem étnica e histórica, segundo Trigger, é que teria levado os arqueólogos a explorarem a relação entre a distribuição geográfica dos registros materiais e os seus respectivos grupos históricos.<sup>35</sup> A influência da “escola romântica alemã de pensamento histórico”, segundo Dolukhanov, fora, nesse contexto, determinante para que o conceito de cultura, circunscrito ao âmbito não apenas dos arqueólogos, frutificasse em algo equivalente à “emanação do espírito de uma nação”.<sup>36</sup> A imensa carga ideológica de tal relação teria sido, de acordo com Trigger, de extrema utilidade para o discurso nacionalista do século XIX, como se pode perceber no caso da unificação da Alemanha, quando a

---

<sup>31</sup> Funari, 1999: 162-164.

<sup>32</sup> Trigger, 1994: 158 e 160.

<sup>33</sup> Trigger, 1994: 161 e 162.

<sup>34</sup> Trigger, 1994: 162-163.

<sup>35</sup> Trigger, 1994: 150.

<sup>36</sup> Dolukhanov, 1995: 329.

Arqueologia, alimentando um forte sentimento de identidade étnica, deu forma material ao orgulho do povo germânico.<sup>37</sup> O marcado tom nacionalista, por vezes racista, que a Arqueologia alemã acabou adquirindo deve-se, segundo Jones, ao trabalho do filólogo e pré-historiador alemão Gustaf Kossinna (1858-1931), que propôs, entre outras coisas, que a Arqueologia seria uma “disciplina prévia e eminentemente nacional” voltada, já no período do entre guerras, à “reconstrução da terra natal do povo germânico”.<sup>38</sup> Sua obra a respeito da origem dos germanos,<sup>39</sup> segundo Bosch-Gimpera, tivera como argumento central a idéia de que aquele povo, antepassado dos alemães modernos, seria o descendente direto do núcleo originário indo-europeu, localizado, para o autor alemão, nos territórios da Escandinávia Meridional e do Norte da Alemanha.<sup>40</sup> Os desenvolvimentos ulteriores da Arqueologia nacionalista alemã influenciada pela obra de Kossinna, já sob o regime nazista, tornar-se-iam, segundo Jones, exemplos clássicos de manipulação do passado com claras finalidades político-ideológicas.<sup>41</sup>

O método de investigação de Kossinna, denominado de “arqueologia de assentamento”, dependia de dois princípios gerais: a idéia de que sítios arqueológicos bem definidos corresponderiam inquestionavelmente ao território de uma tribo ou de um povo específico; e a idéia de que se poderia tomar o passado proto-histórico (do qual se tem registros escritos) como o ponto de partida na identificação e no estudo da pré-história – o chamado método “etnohistórico retrospectivo”.<sup>42</sup> A recorrência à autoridade da documentação textual tinha sido, já nos séculos XV e XVI, de acordo com Sommer, de extrema importância no processo histórico de identificação do povo alemão com os antigos germanos. Os humanistas do período, lembra esse autor, teriam recorrido ao tratado *Germania*, de Tácito, na tentativa de criar uma consciência nacional

---

<sup>37</sup> Trigger, 1994: 149.

<sup>38</sup> Jones, 1997: 2.

<sup>39</sup> A obra citada pelo autor é: KOSSINNA, G. *Die Herkunft der Germanen. Zur Methode der Siedlungsarchäologie*. Leipzig: Kabitzsch, 1911.

<sup>40</sup> Bosch-Gimpera, 1989: 20.

<sup>41</sup> Jones, 1997: 2.

<sup>42</sup> Veit, 1989: 37-39.

germânica.<sup>43</sup> Tal associação da cultura material de um grupo étnico pré-histórico a um grupo étnico historicamente documentado, que garantiria uma suposta linha de continuidade entre os dois períodos, fornecia a última variável do esquema lógico do paradigma “histórico cultural”: uma cultura material pré-histórica circunscrita a um território arqueológico bem delimitado corresponderia, necessariamente, a um povo e a uma língua identificáveis “em termos históricos”.<sup>44</sup>

A maneira como tal relação serviu à fanática glorificação do povo alemão, por meio da alegação de que este seria o possuidor de uma cultura e de uma compleição física privilegiadas, herdadas diretamente de uma raça superior de traço indo-europeu, é bem conhecida.<sup>45</sup> Independentemente de todo esse exacerbado chauvinismo,<sup>46</sup> e respeitando-se as particularidades das tradições regionais e nacionais dos diferentes especialistas europeus, deve-se ter em conta que o mesmo paradigma que foi usado na Alemanha Nazista, de acordo com Jones, tornou-se a estrutura de investigação arqueológica mais influente do século XX.<sup>47</sup> As grandes sínteses da pré-história européia levadas a termo por Gordon Childe (1892-1957), por exemplo, podem ser consideradas, segundo esta autora, guardadas as devidas proporções, exemplos do estabelecimento da Arqueologia histórico-cultural fora da Alemanha.<sup>48</sup> Também os consideráveis avanços em teoria arqueológica na Rússia, levados a termo por Gorodtsov, como o desenvolvimento dos princípios da classificação tipológica do material arqueológico e a introdução do conceito de “cultura arqueológica”, não se deu, de acordo com Dolukhanov, sem alguma influência direta ou indireta da escola de investigação arqueológica alemã. A grande quantidade de material que os arqueólogos russos e ucranianos escavaram e publicaram naquele período, que haveria “mudado completamente o mapa arqueológico da Europa Oriental”, foi também classificada, analisada e interpretada, argumenta este autor, por intermédio do paradigma

---

<sup>43</sup> Sommer, 2000: 126.

<sup>44</sup> Funari, 1999: 164.

<sup>45</sup> Trigger, 1994: 164.

<sup>46</sup> Trigger, 1994: 167.

<sup>47</sup> Jones, 1997: 5.

<sup>48</sup> Jones, 1997: 16.

histórico cultural: pensando-se a “cultura arqueológica” como um reflexo da etnicidade do povo estudado.<sup>49</sup> Como se verá, o trabalho *Iranians & Greeks in South Russia*, de Rostovtzeff, mesmo tratando principalmente de povos situados em um período não tão afastado no tempo, também paga tributo ao paradigma histórico-cultural, do qual Kossinna é um dos representantes: principalmente por utilizar a autoridade dos registros materiais e escritos em favor da afirmação de um tipo específico de identidade cultural e étnica.

V. Boa parte do que se sabe a respeito do povo cita nos é relatado por Heródoto em parte significativa do quarto livro de sua obra. A confrontação de sua narrativa com os registros funerários escavados no Sul da Rússia, analisados por Rostovtzeff, é exemplar de um processo de construção de identidade que se sustenta no paradigma histórico-cultural. As escavações do vale do Kuban, segundo Rostovtzeff, feitas sob a direção de Nicolas Veselóvski, por volta de 1880, teriam trazido à luz “um grupo de túmulos que datavam do período compreendido entre os séculos VI e IV a.C. e “que forneceriam um paralelo quase exato com a descrição dos costumes funerários citas” constantes do livro IV de Heródoto.<sup>50</sup> Rostovtzeff, ao descrever tal contexto arqueológico argumenta que tal indicaria a prática de “um cerimonial (...) cruel, sangrento e luxurioso” que, em si, teria “pouco interesse histórico”<sup>51</sup>. Nas escavações do sítio de Ulski, como ele relata, teria sido encontrada uma longa trincheira na qual havia, em seu centro, uma réplica de uma cabana cita na qual repousaria um cadáver – supostamente de um chefe cita. Ao redor desta, encontrar-se-iam uma série de esqueletos de homens e mulheres ricamente adornados. Mais afastados, próximos dos limites da trincheira, os ossos de mais de cem cavalos, suportados por estruturas de madeira, estariam dispostos em uma ordem regular. Uma enorme quantidade de jóias, vasos e outros objetos de valor teriam também sido encontrados na tumba.<sup>52</sup>

---

<sup>49</sup> Dolukhanov, 1995: 328 e 329.

<sup>50</sup> Rostovtzeff, 1922: 4.

<sup>51</sup> Rostovtzeff, 1922: 49.

<sup>52</sup> Rostovtzeff, 1922: 47 e 48.

Os detalhes enumerados por Heródoto, no que se refere à cerimônia funeral de um chefe cita, são os que seguem: o cadáver seria depositado em uma ampla sepultura escavada no solo. Em todo o espaço restante seriam fincadas estacas de madeira sobre as quais deitar-se-ia uma cobertura feita de madeira e de folhas de salgueiro. No espaço restante, seriam depositados todos os serviçais e as riquezas do soberano. Um ano após o sepultamento, abrir-se-ia a sepultura e se procederia a um rito sacrificial no qual 50 cavalos e 50 serviçais seriam estrangulados. Depois de passadas estacas pelos seus corpos, seriam depositados na fossa tumular: os cavalos sobre as quatro patas e os serviçais neles montados, como se cavalgassem.<sup>53</sup> Para Rostovtzeff, o registro arqueológico não chega a confirmar “cada detalhe da descrição do escritor grego”, mas nos daria a mesma pintura geral do funeral de um chefe nômade cita, proprietário de cavalos e de uma imensa riqueza em ouro e prata.<sup>54</sup> A recorrência à autoridade da narrativa herodotea, assim, da maneira que procede Rostovtzeff, permite identificar historicamente parte dos registros materiais escavados no Sul da Rússia, atribuindo-lhes o estatuto da identidade cultural cita.

A afirmação de que este povo, assim como os outros não gregos com eles relacionados, seria de origem iraniana busca também na narrativa de Heródoto alguma espécie de autoridade histórica. De acordo com Rostovtzeff, “a evidência lingüística fundada nas poucas palavras citas, transmitidas a nós pelos gregos, é de maneira alguma contrária” à essa hipótese.<sup>55</sup> Em favor desta tese o autor faz referência, principalmente, à obra *Deutsche Altertumskunde*, de Müllenhoff, de 1906.<sup>56</sup> Segundo How & Wells, que a analisam com certo rigor, o especialista alemão afirmaria que a análise dos “nomes (de divindades, rios e lugares) expressamente relacionados por Heródoto como sendo citas” haveria provado serem eles de origem ariana ou iraniana.<sup>57</sup> Assim, por meio da documentação histórica, Rostovtzeff pôde atribuir também uma singularidade étnica ao registro material analisado.

---

<sup>53</sup> *História* IV, 71-72.

<sup>54</sup> Rostovtzeff, 1922: 45.

<sup>55</sup> Rostovtzeff, 1922: 60.

<sup>56</sup> Como se pode ver no item III.1.c da bibliografia constante da obra de Rostovtzeff.

<sup>57</sup> How & Wells, 1989: 428.

VI. Como lembra Hartog, os citas são “o povo ao qual Heródoto” consagrou “a exposição mais longa de seu livro”<sup>58</sup>, e pode-se adicionar a esta afirmação a de que nenhum outro historiador grego (do qual tenha sido preservado algum documento escrito) descreveu de maneira tão significativa qualquer outro que tenha habitado o Sul da Rússia. Além disso, das escavações efetuadas entre a região das estepes e as costas do Mar Negro, feitas de maneira sistemática principalmente a partir do final do século XVIII, quando a Ucrânia foi anexada pelo Império Russo, o material arqueológico relacionado com o povo cita, pelo que indica Trigger, só é comparável em número e representatividade ao das colônias gregas.<sup>59</sup> O Sul da Rússia, então, se constituiria em uma espécie de unidade espacial e temporal em favor da qual concorreriam a autoridade de duas espécies de documentação, o registro material e o texto escrito. A “confrontação entre *o que diz* o texto e *o que descobre* a Arqueologia”, naquela região, pôde, então, de acordo com Hartog, tornar “possível levantar as convergências (...) e avaliar a exatidão de Heródoto”: os encontros entre “texto e escavação”.<sup>60</sup> Tal confrontação, no caso de Rostovtzeff, busca em um certo sentido, “voltar-se em favor dos citas”,<sup>61</sup> sendo a obra de Heródoto, assim como o registro material em questão, apenas uma espécie de ferramenta cultural,<sup>62</sup> um artefato de discurso útil em uma estratégia argumentativa. A extração, descrição e classificação empíricas dos restos materiais daquela região, confrontáveis com um grupo étnico identificável historicamente, é o que teria permitido a Rostovtzeff construir um discurso de afirmação das identidades nacionais do Sul da Rússia.

A idéia de que o Sul da Rússia seria “de extração iraniana” e de que tal cultura teria decisivamente influenciado a idéia de civilização européia parece tomar, não de maneira declarada, um partido bem definido na acirrada polêmica acerca da origem das

---

<sup>58</sup> Hartog, 1999, 45.

<sup>59</sup> Trigger, 1994: 209.

<sup>60</sup> Hartog, 1999, 45 e 46.

<sup>61</sup> Hartog, 1999, 47.

<sup>62</sup> Tal termo é usado em um sentido análogo àquele sugerido em Bernal, 1994: 119-128.

povos indo-europeus. A filologia histórica, de acordo com Bosch-Gimpera, havia, já desde o século XVIII, identificado duas ramificações no “primitivo tronco indoeuropeu” (representadas pela sua maneira particular de formar a palavra *cento*): as línguas e povos *satem*, identificados com os indo-europeus orientais – indianos, iranianos e balto-eslavos; e as línguas e povos *centum*, identificados com os indo-europeus ocidentais – gregos, ítalo-celtas e germanos.<sup>63</sup> Alguns inclinavam-se a ver a matriz cultural e étnica que teria formado estes dois troncos lingüísticos nas terras férteis da Ucrânia ou nas estepes ao Leste do Don; outros, no vale do Danúbio ou no Norte da Europa.<sup>64</sup> Os filólogos alemães, ou pelo menos uma parte representativa deles, deixaram bem clara suas inclinações ideológicas e racistas ao cunharem o termo “indo-germânico” para designar a língua da qual teriam derivado todas as línguas superiores do passado europeu.<sup>65</sup> Rostovtzeff, da mesma maneira que J. L. Myres<sup>66</sup> e Childe,<sup>67</sup> ainda que não abandonando a idéia do arianismo, contrapunha-se à tese nórdica, propondo que a origem dos indo-europeus, como lembra Bosch-Gimpera, estivesse nas regiões do Sul da Rússia.<sup>68</sup> De uma certa maneira, tal afirmação, que tinha como objetivo ressaltar a importância daquela região como via de transmissão de uma cultura oriental de traço iraniano, buscava negar não apenas a visão romântica, “helenomaníaca”<sup>69</sup>, de que os gregos representariam a “infância da civilização européia”,<sup>70</sup> mas, principalmente, ordenar argumentos em torno da idéia de que as origens do Estado Russo Imperial se localizariam nas margens do rio Dnieper, no território da atual Ucrânia.<sup>71</sup> Para Rostovtzeff, da civilização que os russos teriam levado consigo quando os Mongóis e os Tártaros invadiram a região das estepes, aquela de traço greco-iraniano, de natureza comercial, é que teria sido mais importante na

---

<sup>63</sup> Bosch-Gimpera, 1989: 10.

<sup>64</sup> Bosch-Gimpera, 1989: 10.

<sup>65</sup> Bernal, 1991: 227.

<sup>66</sup> O autor se refere ao artigo de J. L. Myres para a primeira edição da *Cambridge Ancient History*.

<sup>67</sup> A obra citada pelo autor é: CHILDE, V. G. *The Aryans*. Londres, 1926.

<sup>68</sup> Bosch-Gimpera, 1989: 21.

<sup>69</sup> Bernal, 1991: 282.

<sup>70</sup> Bernal, 1994: 121.

<sup>71</sup> Rostovtzeff, 1922:

posterior constituição do Império que se desenvolveu na região de Moscou. Tal herança é o que teria, mais tarde, tornado a Rússia capaz “de entrar na família das nações européias, mantendo suas próprias peculiaridades e seu próprio espírito nacional”.<sup>72</sup>

**VII.** Jones argumentou, em *The Archaeology of Ethnicity*, que “o uso da Arqueologia na construção e na legitimação das identidades nacionais” é muito mais extensivo do que se tem geralmente considerado.<sup>73</sup> De acordo com esta autora, a confrontação que potencialmente pode ser feita entre as identidades culturais contemporâneas e a investigação arqueológica pode por a nu a natureza social e política do conhecimento que temos a respeito do passado.<sup>74</sup> Não se trata aqui de colocar em questão a validade das interpretações arqueológicas levadas a termo por Rostovtzeff. É consenso entre os especialistas que suas reconstruções da vida social e econômica das civilizações clássicas foram marcadas por uma enorme erudição;<sup>75</sup> e Momigliano já foi suficientemente justo ao se referir à “maestria com que ele usava os dados arqueológicos para fins historiográficos”.<sup>76</sup> Busca-se, neste ensaio, entretanto, mostrar que sua obra, como qualquer outro discurso sobre o passado, tem uma “natureza francamente política, de caráter nacional e étnico”.<sup>77</sup>

O estudo do passado, dos registros arqueológicos e da massa documental das sociedades por ele analisadas, assumindo o que colocam Díaz-Andreu & Champion, deve ser compreendido de par com as motivações e com os interesses ideológicos próprios do estado nacional em que foi desenvolvido.<sup>78</sup> Seu estudo dos Citas e Gregos, portanto, não está, em medida alguma, dissociado da sua preocupação tanto de afirmar a especificidade do Estado Nacional do qual ele faz parte quanto de reclamar a ele um lugar “de direito” na ampla arena político-ideológica da Europa do início do século XX.

---

<sup>72</sup> Rostovtzeff, 1922: 220-221.

<sup>73</sup> Jones, 1997: 6.

<sup>74</sup> Jones, 1997: 10.

<sup>75</sup> Bertelli *et alli*, 1965: 1031.

<sup>76</sup> Momigliano, 1984: 144.

<sup>77</sup> Jones, 1997: 10.

<sup>78</sup> Díaz-Andreu & Champion, 1996: 04 e 06.

Em um outro sentido, o presente trabalho buscou também explorar as implicações que o discurso da Arqueologia de finais do século XIX e inícios do XX de fato teve na constituição dos modelos explicativos da História, assim como investigar mais um exemplo de utilização ideológica do discurso de Heródoto.

### **Bibliografia Consultada:**

- BERNAL, M. *Black Athena – The Afroasiatic roots of classical civilisation*. London: Vintage, 1991.
- \_\_\_\_\_. “The image of Ancient Greece as a tool for colonialism and European hegemony”. In BOND, G. C.; GILLIAM, A. (Ed.) *Social Construction of the Past – Representations as power*. London/New York: Routledge, p. 119-128, 1994.
- BERTELLI, C. *et alli*. “Rostovcev”. In *Enciclopedia dell’arte Antica – Istituto della Enciclopedia Italiana*. Roma: Istituto Poligrafico dello Stato, p. 1031, 1965.
- BOSCH-GIMPERA, P. *El Problema Indoeuropeu*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.
- BRAY, W. & TRUMP, D. *Dictionary of Archaeology*. London: Penguin, 1982.
- DÍAZ-ANDREU, M. “Nacionalismo y Arqueología: del Viejo al Nuevo Mundo”. In FUNARI, P. P. A.; NEVES, E. G. e PODGORNY, I. (org.) *Anais da I Reunião Internacional de Teoria Arqueológica na América Latina - Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia – USP*. Suplemento 3: p. 161-180, 1999.
- DÍAZ-ANDREU, M. & CHAMPION, T. “Nationalism and archaeology in Europe: an introduction”, in *Nationalism and archaeology in Europe*. London: UCL Press, p. 1-23, 1996.
- DOLUKHANOV, P. M. “Archaeology in Russia and its impact on archaeological theory”. In UCKO, P. J. (Ed.) *Theory in Archaeology*. London/New York: Routledge, p. 327-342, 1995.
- FUNARI, P. P. A. *Arqueologia*. São Paulo: Ática, 1988.
- \_\_\_\_\_. “Linguística e Arqueologia”. *D.E.L.T.A.* Vol. 15, N.º 1, p. 161-176, 1999.

- HARTOG, F. *O Espelho de Heródoto*. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.
- HOW, W. W. & WELLS, J. *A Commentary on Herodotus - Volume I (Books I-IV)*. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- JONES, S. *The Archaeology of Ethnicity – Constructing Identities in the Past and Present*. London/New York: Routledge, 1997.
- KLUCKHOHN, C. *Antropologia*; tradução de Teodoro Ortiz. México: Fondo de Cultura Económica, 1951.
- MOMIGLIANO, A. “El lugar de Heródoto em la História de la historiografía”. In *La Historiografía Griega*. Traducción de José M. Gázquez. Barcelona: Editorial Crítica, p. 134-150, 1984.
- ROSTOVTZEFF, M. I. *Iranians & Greeks in South Russia*. Oxford: Clarendon Press, 1922.
- SOMMER, U. “Archaeology and Regional Identity in Saxony”. *Public Archaeology*. Vol. 1, N.º 2, p. 125-142, 2000.
- TRIGGER, B. G. *A History of archaeological Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- VEIT, U. “Ethnic concepts in German prehistory: a case study on the relationship between cultural identity and archaeological objectivity”; translated by Stephen Shennan. In SHENNAN, S. (Ed.) *Archaeological Approaches to Cultural Identity*. London: Unwin Hyman, p. 35-56, 1989.
- WHITE, H. “O Fardo da História”. In *Trópicos do Discurso – Ensaios sobre a Crítica da Cultura*; tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Edusp, p. 39-63, 1994.